

## PORTUGUÊS BRASILEIRO, SINTAXE E HISTÓRIA: USOS DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO SÉCULO XIX

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB)

[pdsouza@uneb.br](mailto:pdsouza@uneb.br)

### RESUMO

Considerada “pedra de toque da gramática do português brasileiro”, a concordância verbal, um dos fenômenos linguísticos mais investigados nos últimos anos sob um aporte que se fundamenta em princípios variacionistas e em dados de *corpora* representativos da língua falada, ainda não possui uma análise detalhada numa dimensão histórica que permita uma melhor compreensão de seus usos em fases pretéritas da língua e, por consequência, a elucidação de indícios que possibilitem uma reflexão sobre o encaixamento histórico da variação. No presente estudo, que se inscreve no âmbito do projeto “Exercitando a *arte de interpretar* ou *para fazer o melhor uso de maus dados*: a sintaxe da concordância na história do português brasileiro”, discuto a variação da concordância verbal de número, a fim de apresentar subsídios a uma maior compreensão desse aspecto da sintaxe do português brasileiro nos caminhos de sua história. A partir de *corpus* constituído por cartas escritas no Brasil oitocentista, descrevo os contextos linguísticos que favorecem a variação, levando em consideração a influência e ocorrência das variáveis estudadas, com vistas a uma sistematização, fundamentando a análise e discussão no quadro teórico desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog (1968), no artigo *Empirical foundations for a theory of language change*.

### Palavras-chave:

Linguística histórica. Variação. Português brasileiro. Concordância verbal.

### 1. “No meio do caminho, uma pedra”: a concordância de número no português brasileiro

O problema do encaixamento histórico da variação da concordância de número, tópico que, segundo Mattos e Silva (1998a, p. 48), é “pedra de toque (...) da gramática do português brasileiro”, tem sido objeto de investigação diversa, a partir dos princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, desde o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977). Esses estudos evidenciam a existência de uma sistematicidade na aplicação (ou não) das regras de concordância verbal, apoiando-se no argumento de que, no português brasileiro, se observa a coexistência de um sistema de regras que prevê, de forma idealizada, que falantes cultos, em situações formais, deverão realizar a concordância de número entre o sujeito e o verbo da oração e outro sistema de regras facultativas que conduz a perdas das marcas formais de concordância, podendo chegar aos limites da simplificação a aplicação dessas regras.

Embora desenvolvidas tendo como base as teorias e métodos de orientação laboviana, muitas dessas investigações chegaram a conclusões diferentes (cf. NARO, 1981; GUY, 1986). A análise desses estudos, por sua vez, mostra que há, além de um debate, um embate sobre a interpretação do fenômeno no português brasileiro contemporâneo, resultando em posturas divergentes quanto à sua natureza e origem: de um lado, os defensores da ideia de que o português do Brasil é o resultado de *deriva* secular inerente na língua trazida de Portugal; e do outro, aqueles que se apoiam no contato entre o português e as línguas africanas, que levou a língua trazida de Portugal a passar por um estágio hipotético de um *pidgin* ou crioulo.

Ao refletir sobre esse impasse, Baxter (1995) destaca que “procedimentos metodológicos tradicionalmente adotados pelos lados pró e contra [a hipótese da criouliização prévia] não permitem uma avaliação crítica adequada” (p. 72) do problema e propõe uma abordagem fatorizada que focalize “as vertentes do português brasileiro que historicamente teriam sido mais propensas à influência de processos de contato de línguas, ou seja, as vertentes rurais africanas e ameríndias” (p. 72).

Na mesma direção, Lucchesi (2003), apoiando-se no conceito de transmissão linguística irregular, busca

delinear os parâmetros sócio-históricos e linguísticos que possam servir de base para uma visão sistemática dos processos históricos de mudanças induzidas pelo contato entre línguas que não resultam na formação de *pidgins* e crioulos típicos (p. 272).

Para ele, o conceito de transmissão linguística irregular é tomado para “designar os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos” (p. 272), podendo “conduzir à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua *pidgin* ou *crioula*, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato” (p. 272-3).

Refutando os argumentos dos defensores da transmissão linguística irregular, Naro e Scherre (2007) argumentam que esse processo “não garante qualquer efeito estrutural particular na língua transmitida”, uma vez que “a pergunta linguisticamente significativa não diz respeito a esse aspecto relativamente trivial, óbvio, mas aos fatores sociais porventura atuantes durante o processo de transmissão” (p. 143).

Esboçado esse quadro sobre o debate, e embate, sobre as origens estruturais do português brasileiro, podemos considerar que a divergência sintática entre essas duas variedades da língua portuguesa, a brasileira e a europeia, tem sua razão nas histórias particulares de cada uma. Estudos linguísticos mais recentes, sobretudo de orientações gerativista e socio-funcionalista, argumentam que essa característica marcante da sintaxe brasileira é uma das consequências da direção tipológica do português do Brasil, que vem sendo classificado como “língua de proeminência tópica”, do que decorre, entre outras características de sua sintaxe, a perda da concordância. Já o português europeu, “considerado uma língua de proeminência de sujeito”, seguiria outra direção, o que reforçaria a manutenção das regras de concordância e outras características sintáticas próprias à variedade europeia.

Segundo Mattos e Silva (1998b), a questão não é tão simples assim, visto que há ainda muito a ser explorado no português europeu, sobretudo o estudo da sintaxe de suas variantes faladas, principalmente suas formas regionais, de falantes não ou pouco escolarizados, além da necessidade de pesquisa sistemática de fases pretéritas da língua portuguesa, objetivando verificar se esse comportamento estaria ou não prefigurado no sistema. Evidencia-se, então, a necessidade de reflexão sobre o passado remoto do português, tanto europeu como brasileiro, a fim de depreender informações de caráter histórico que possibilitem uma exploração da situação atual do português.

Mattos e Silva (1998a), apoiando-se na afirmação de que “as histórias que se escrevem são sempre *uma* história, reconstruída e escrita a partir dos condicionamentos teóricos, metodológicos, empíricos e ideológicos de seus autores”, apresenta algumas vias para entrever-se o passado do português brasileiro, que deverão movimentar-se em direção à recuperação tanto histórico-social quanto linguística do Brasil.

## **2. *Uma aproximação a fases pretéritas da língua... ouvindo o inaudível***

As relações entre os dados de fases pretéritas da língua, retirados de documentos escritos procedentes de momentos passados da trajetória histórica, e a língua então falada constituem-se um problema a ser considerado na investigação dos usos linguísticos de períodos anteriores ao século XX. Como pontua Maia,

Tendo-se a língua falada de fases pretéritas apagado há muito e não tendo sido possível conservar, por falta de meios adequados, exemplares genuínos desse tipo de manifestação linguística em períodos anteriores ao século XX, resta ao estudioso da história da língua a análise e interpretação dos materiais contidos nas fontes escritas. “Ouvir o inaudível”, estabelecer as relações e discernir as diferenças entre a língua escrita e a língua falada de cada etapa documentada constituem as questões nucleares e mais acessas da língua histórica. (2002, p. 235-236)

Como o presente estudo busca refletir sobre a sintaxe da concordância verbal a partir de *corpus* constituído por textos representativos do Brasil oitocentista, é preciso considerar algumas questões que tocam a complexa relação entre a representação escrita de uma língua ou de um estado de língua e a realidade oral a ela subjacente, no entanto não entrei em embates particulares, ultrapassaria os limites de minha intenção.

No artigo “Dos textos escritos à história da língua”, Maia (2002) discute algumas questões da linguística histórica, a fim de definir linhas de atuação metodológica no que se refere à atitude do historiador da língua perante os textos escritos, tendo em vista um consistente aproveitamento dos materiais que eles oferecem.

Uma rápida análise sobre o desenvolvimento dos estudos linguísticos, sobretudo no âmbito da chamada linguística histórica, permite-nos perceber que, ao longo dos anos, o tratamento dado ao fenômeno da mudança sofreu numerosas reconsiderações. O estabelecimento de relações entre a mudança e variação linguística, sob a ótica da abordagem sociolinguística, muito contribuiu para a compreensão dos mecanismos reais da mudança linguística e a explicação da sua origem e difusão.

Nessa direção, a mudança deixa de ser encarada como “resultado” e passa a ser vista como um “processo”. Sendo assim, o que importa, sobretudo, não é o “quando” mas o “como” e o “porquê” de cada um dos momentos desse processo “desde sua gestação como inovação até à consumação final”, como defende Maia (2002, p. 232).

Sendo a linguística histórica uma disciplina essencialmente interpretativa (*ars interpretandi*), cabe ao linguista histórico selecionar, organizar e interpretar os dados ao seu dispor, ou seja, “fazer um bom uso de maus dados”, não perdendo de vista que os textos escritos em momentos pretéritos da história da língua impõem ao pesquisador problemas que decorrem de sua natureza parcial, fragmentária, escassa e de alcance sociolinguístico limitado.

Nesse sentido, os materiais linguísticos registrados nesses textos apenas podem constituir a base de um trabalho interpretativo a ser desenvolvido pelo linguista histórico; portanto, “o estudo da história de uma dada língua equivale à interpretação da língua escrita” (MAIA, 2002, p. 235), aspecto que não pode ser ignorado. É por conta disso que o complexo problema das relações entre o “oral” e o “escrito” manifesta-se como questão nuclear na linguística histórica. Dito de outra forma, não dispondo de material falado de fases pretéritas, resta ao estudioso da história da língua a análise e interpretação dos materiais contidos nas fontes escritas.

Embora não seja de sua responsabilidade discutir os aspectos teóricos implicados na discussão das relações entre a língua oral e a língua escrita, os estudos sob uma perspectiva diacrônica não podem perder de vista os principais problemas que, sob a perspectiva da teoria linguística, se referem às relações entre o “oral” e o “escrito” e de com essa reflexão articular o problema da mudança linguística. “Pode o investigador questionar-se sobre que mudanças da língua oral terminam na língua escrita e a partir de que momento do respectivo processo evolutivo”, como destaca Maia (2002, p. 236).

A constituição do *corpus* para o presente estudo buscou, na medida do possível, levar em consideração as questões aqui sumariamente apresentadas. Como a variação e mudança linguística se refletem nos textos escritos em graus distintos e de modo diversos de acordo com os gêneros e tipos textuais, é preciso que o fenômeno em estudo seja analisado a partir de dados empíricos de *corpus* representativo e diversificado sob o esse ponto de vista.

### **3. *Exercitando a “arte de interpretar”, ou para fazer o “melhor uso dos maus dados”: concordância verbal em cartas sertanejas***

Ao discutir “O problema da concordância de número nos inventários produzidos na vila de São Paulo do Campo: séculos XVI-XVII”, Moraes de Castilho (2009) destaca que “a concordância não tem constituído um objeto estável de pesquisa no interior do PHPB [Programa Nacional para a História do Português Brasileiro], embora alguns pesquisadores tenham lembrado a importância do tema” (p. 242). Assim, a pesquisadora passa a refletir sobre o problema da concordância, focalizando a nominal, dada sua relevância e, sobretudo, a pouca atenção que tem sido dada no âmbito do PHPB do tema em questão, como explicitado. Consi-

dera, ainda, que as conclusões a que chegaram Naro e Scherre (2007), válidas para o português brasileiro contemporâneo, podem fornecer “indicações importantes para a busca de seu passado, indagando se eles não teriam vindo com os colonos que deram origem à sociedade paulista” (MOARAES DE CASTILHO, 2009, p. 242).

Em sua análise, Moraes de Castilho conclui que a maior parte das ocorrências, tanto de concordância nominal quanto verbal, “conforma às regras da língua, ou seja, especificador e complementadores concordam com o núcleo do NP, e o verbo concorda com o NP sujeito” (2009, p. 249), no entanto, “tanto no português brasileiro quanto no português europeu as regras de concordância não são categóricas” (p. 251). A autora discute a hipótese de que “as fugas a essas regras podem ser indícios de uma reformulação da gramática, caso o português brasileiro se torne progressivamente uma língua configuracional” (p. 251), sob uma perspectiva dos pressupostos teóricos gerativistas, ou seja, uma língua que tende a “pôr em cheque” a categoria funcional AGR, afetando, portanto, a concordância.

O presente estudo não se apoia nos princípios gerativistas, embora considere válidas as conclusões apresentadas por Moraes de Castilho (2009) quanto a pouca importância dada aos estudos da concordância, especificamente a verbal, no âmbito do PHBP, sobretudo por se tratar de um projeto coletivo que realiza estudos de fenômenos diversos a partir de *corpora* diacrônicos.

O “exercício de interpretação” que pretendo fazer, ou seja, a apresentação e discussão do fenômeno linguístico em análise neste trabalho fundamentam-se no quadro teórico desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog (1968), no artigo *Empirical foundations for a theory of language change*. Este referencial teórico, conhecido sob vários rótulos – teoria da variação e mudança, sociolinguística quantitativa, sociolinguística variacionista, sociolinguística laboviana, entre outros –, assume, como coordenada básica da reflexão sobre a mudança, a *heterogeneidade* normal da língua e, ao mesmo tempo, argumenta contra a ideia tradicional entre os linguistas de que sistematicidade e variabilidade se excluem.

O estudo da variação sistemática decorrente dos condicionadores estruturais e sociais discute a concepção de língua enquanto sistema homogêneo, definida por si mesma. Partindo do pressuposto de que toda variação é motivada, ou seja, controlada por fatores de maneira que tal heterogeneidade se delinea sistemática e previsível, cabe à sociolinguís-

tica investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis internas ou externas à língua que contextualizam as variantes e, conseqüentemente, descrevendo seu comportamento preditivo.

Diante desse quadro teórico sinteticamente delineado, a presente pesquisa é um trabalho de linguística descritiva, aplicada a um *corpus* constituído por 190 cartas escritas por sertanejos baianos ao “coronel-barão” de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, entre 1880 e 1903, visando a apresentar dados sistematicamente analisados e numericamente avaliados que fornecerão subsídios sobre essa sincronia do português brasileiro e a questão da variação da concordância verbal, sob uma perspectiva diacrônica. A pesquisa se encontra em andamento e, considerando a exiguidade de tempo, apresentarei alguns dados no sentido de identificar possíveis contextos favorecedores da variação, já que ainda não submeti os dados a uma análise quantitativa, o que será feito a *posteriori*, com vistas a observar restrições linguísticas e não linguísticas. Nesse sentido, procederei apenas a uma análise descritiva.

Sobre o *corpus* da presente pesquisa, é constituído de textos que foram editados por Carneiro (2005). Segundo a autora, “Ao assumir os desafios de uma edição que vá além do primeiro objetivo a ser alcançado, o de servir como *corpus* de trabalho, a intenção é de que as 500 cartas [editadas] (...), escritas entre 1808-1904, sejam disponibilizadas aos pesquisadores que se interessam pela história do português brasileiro e também aos pesquisadores de outras áreas” (p. 393). Desse conjunto, selecionei “190 cartas (311-500) escritas por 43 sertanejos baianos que escreveram ao “coronel-barão” de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins” (CARNEIRO, 2005, p. 393).

A observação dos dados permitiu identificar alguns contextos que desfavorecem a aplicação da regra de concordância no *corpus* diacrônico escolhido. Esses contextos coincidem, na maioria dos casos, com os válidos para os estudos realizados a partir dos dados de fala (cf. NARO; SCHERRE, 2007). Passo a exemplificar e/ou descrever alguns desses contextos:

1) Sujeito representado por pronome relativo (que):

(...) não desconhece que | nós da oposição sabemos mais respeie | tar as leis,  
do que os Srs governistas, que | so **quer** a ladroera, e assassinato etc etc.

(C311)<sup>93</sup>

Sei que não mereço, e mesmo torna-se | mui penosa a vinda de *Vossa Vossa Excelência Excelência* | aqui, (o que muito nos alegraria, | por tanto no caso de vossas aceita- | ções, poderão constituir digo oferecerem | procuração ao aprecho amigo sr ni= | colau Fasano e sua *Excelentíssima Senhora* | que de muito bom grado **aceitara**. (C315)

Segunda feira 28 do pretérito te= | ve lugar as arrematações dos | gados que **correu** regularmente (C324)

(...) n'este momento chega aqui um | oficial de nome Gaudencio Custodio | e Baldoino de Geremoabo que **vinham** | do Monte Santo [...] e **segue** para Geremoabo, (C332)

## 2) Sujeito composto posposto:

Peço por tanto recomendar-me aos | *Doutores Jâjão*, e Totonio e **receba** *Vossa Excelência* e a *Excelentíssima Senhora Baroneza*, recommen- | dações minhas e de minha humilde com- | panheira, (C313)

## 3) Sujeito simples (núcleo singular com marcas de plural no sintagma preposicionado)

Temos tido um pre- | juiso consideravel com a crise, fica- | mos aqui, inteiramente sem braços | *para* lavoura, o numero de sepulturas | de famintos, **elevou**-se a mais de | mil, não se falando na grande | imigração, que extenuados morrerão | nas estradas. (C315)

## 4) Sujeito simples plural (núcleo + sintagma preposicionado)

Os nomes de Lago e Reis **acha** *muito* | acertados por aqui (C318)

As balas de estheteria não | **produziu** o menor effeito nos | templos; (C320)

## 5) Sujeito anteposto não contíguo ao verbo

Estas noticias aqui **pro** | **duziu** profunda sensação. (C320)

Quando | d'[a]qui enviávamos noticias *para* | esta Capital que o Con-  
sehej | ro tinha 5 á dez mil ho | mens **era** julgada inverídica. |(C320)

## 6) Sujeito posposto

**Nafragou** os planos do Pas- | sinhos – sobre Itapicurú, que que | ria  
chamar Itapicurú a Sôure!!!? (C325)

Se | disserem-me, pouco impor- | to com isto, que fico mais forro | para  
suas viagens. Se **aparecer** | noticias serias ahi, escreva-me. [...] (C332)

---

<sup>93</sup> Identificação das cartas editadas por Carneiro (2005) das quais foram retirados os dados.

7) Sujeito simples coletivo

O Povo do Conselheiro entusiasas | mado pela victoria, **marcham** com grande fúria ignorando-se | o destino; (C320)

8) Sujeito posposto ao verbo na voz passiva pronominal

A secca aqui continua hog | rivelmente, não da-se [...] um | espaço de 3 mezes que não | se **manifeste** casos fataes | de fome !!! (C326)

9) Sujeito na voz passiva (ser + participípio)

**Foi de** | **nunciado** o João Ramos e o Domingos | Torquato nossos amigos (C332)

Embora, no *corpus* analisado, o *input* da não aplicação das regras de concordância seja menor, os contextos são similares aos que se revelam como desfavorecedores em pesquisas a partir dados de língua falada, o que possibilita refletir sobre dados diacrônicos que poderão contribuir para a confirmação do problema do encaixamento histórico da variação da concordância como mencionado.

#### 4. A título de conclusão

Com a presente pesquisa, que ainda se encontra em andamento, busquei evidenciar que a variação na concordância verbal não é um fenômeno restrito ao português falado na presente sincronia. Os dados retirados do *corpus* e sumariamente descritos demonstram que existe variação dos usos da concordância verbal no Oitocentos que, na maioria dos casos, coincidem com os contextos que a favorecem no português brasileiro contemporâneo e que têm sido investigados desde o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977).

Dando continuidade ao trabalho de investigação, os dados retirados das cartas sertanejas serão submetidos à análise das variáveis linguísticas, como realização do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, caracterização semântica do sujeito, saliência fônica, tipo de verbo, indicação do plural no sujeito, paralelismo discursivo/sintático, bem como variáveis sociais, a exemplo da escolarização, visto que é possível recuperar tais informações na edição de Carneiro (2005).

Acredito, dessa forma, contribuir para uma compreensão mais ampla da variação da concordância verbal no português brasileiro, visto que, embora seja um dos fenômenos linguísticos mais descritos a partir de dados de fala, ainda há uma lacuna quanto a dados de natureza diacrô-

nica que poderão fornecer subsídios para a discussão sobre o problema do encaixamento histórico da variação da concordância de número, a “pedra de toque da gramática do português brasileiro”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAXTER, Alan N. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. n. 14, p. 72-90, 1995.

CARNEIRO, Zenaide Fernandes de Oliveira. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

GUY, Gregory R. *Saliency and the direction of syntactic change*. Cornell University, 1986. (mimeo)

LEMLE, Mirian; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras, Fundação MOBRAL e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LUCCHESI, Dante. O conceito de “transmissão linguística irregular” e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *Dos textos escritos à história da língua*. Conferência. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2002. p. 231-249. (Separata)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico. *Atas do IX Congresso da ALFAL*. v. IV. Campinas: UNICAMP, 1998b. p. 165-175.

\_\_\_\_\_. Ideias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Para a história do português brasileiro*, vol. I: primeiras ideias. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 1998a. p. 21-52.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. O problema da concordância de número nos inventários produzidos na vila de São Paulo do Campo: séculos XVI-XVII. In: AGUILERA, Vanderci. (Org.). *Para a história do*

*português brasileiro*, vol. VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: Eduel, 2009. p. 223-63.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language LSA*, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981.

\_\_\_\_\_; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Garimpo das origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.